
Converging para o Digital

Converging Towards Digital

Convergiendo Hacia lo Digital

<https://doi.org/10.24119/asd46544>

Otávio Alves de Brito Lucindo da Silva

Currículo: Mestre em Humanidades Digitais pela UFRRJ.
Graduado em Ciências Contábeis pela UFRJ.
Graduado em Gestão de Recursos Humanos pela
Universidade Estácio de Sá.
E-mail: ot.debrito@gmail.com

Bruno de Menezes Perdigão

Currículo: Mestre em Humanidades Digitais pela UFRRJ.
Graduado em Direito pela UFRJ.
E-mail: bmperdigao@gmail.com

Data de submissão: 13-09-2021

Data de Aceite: 21-09-2021

Data de publicação: 20-04-2024

RESUMO:

Este trabalho fala sobre a lógica neoliberal na educação universitária, e como essa entra em conflito com os interesses do papel universitário e da sociedade brasileira, assim como demonstra aspectos positivos e negativos da convergência ao digital enquanto propõe soluções para o inevitável embate da academia com o mercado pelos espaços e protagonismo social.

ABSTRACT:

This work discusses the neoliberal logic in university education and how it conflicts with the interests of the university role and Brazilian society. It also demonstrates the positive and negative aspects of digital convergence while proposing solutions for the inevitable clash between academia and the market for spaces and social protagonism.

RESUMEN:

Este trabajo trata sobre la lógica neoliberal en la educación universitaria y cómo entra en conflicto con los intereses del papel universitario y la sociedad brasileña. También demuestra los aspectos positivos y negativos de la convergencia digital mientras propone soluciones para el inevitable enfrentamiento entre la academia y el mercado por espacios y protagonismo social.



1. Introdução

Estamos cada dia mais conectados e dependentes dessa conexão, de forma tal, que é bem provável que você esteja lendo este artigo do mesmo dispositivo que acessa a internet por exemplo, deixando de lado aqui a discussão sobre se isso é bom ou ruim no cunho individual, quando falamos de aspectos coletivos como a produção de conhecimento nas universidades, em principal as públicas que são responsáveis por maior parte do desenvolvimento técnico-científico do Brasil, que impacta toda a sociedade como no caso de: produção de vacinas e medicamentos, métodos para políticas públicas, etc... precisamos tratar da convergência ao Digital que está sendo realizada cada dia mais pelos departamentos universitários e suas implicações para o futuro do conhecimento no Brasil.

Para finalidade do trabalho em questão precisamos definir alguns pontos relevantes para discussão: O que são Humanidades Digitais? O que é automação? o que é financiamento? e porque ciência necessita de investimento? Cada ponto tem a sua relevância, e certamente é mais simples definir algumas respostas que outras, sendo assim irei generalizar algumas definições à medida que tenham utilidade para a questão proposta.

Começando pelo que são Humanidades Digitais, segundo informação da Wikipedia:

“Digital humanities (DH) is an area of scholarly activity at the intersection of [computing](#) or [digital technologies](#) and the disciplines of the [humanities](#). It includes the systematic use of digital resources in the [humanities](#), as well as the analysis of their application. DH can be defined as new ways of doing scholarship that involve collaborative, transdisciplinary, and computationally engaged research, teaching, and publishing. It brings digital tools and methods to the study of the humanities with the recognition that the printed word is no longer the main medium for knowledge production and distribution.”

Já P. O’Donell, por exemplo, define “*Humanidades Digitais*” como uma “*atividade interdisciplinar que transfere para os meios digitais o trabalho tradicional com textos, objetos culturais e outros dados, com isso estendendo radicalmente seus usos potenciais*”.

Com base nessas ideias, podemos tomar as Humanidades Digitais como um campo interdisciplinar, envolvido pelas áreas humanas e computacionais que tem como objeto de estudo métodos de aplicação (“*It brings digital tools and methods to the study of the humanities*”), sendo assim fica claro que esse campo das ciências tem um grande viés pragmático que o distingue das demais ciências, dando a ele maiores possibilidades por atender os interesses da lógica econômica vigente.

O que seria automação? mais uma vez em consulta à Wikipedia teremos que: “**Automação** é um [sistema](#) automático pelo qual os mecanismos verificam seu próprio funcionamento, efetuando [medições](#) e introduzindo correções, sem a necessidade da [interferência](#) do [homem](#).” E o que torna relevante falarmos sobre automação nesse contexto é o fato de estarmos na quarta revolução industrial, conhecida como indústria 4.0, segundo a Wikipedia para essa indústria os pontos relevantes são a automação e troca de dados assim como a melhoria dos processos. Se refletirmos sobre essas questões, iremos perceber que elas estão diretamente atreladas ao que tomamos como Humanidades Digitais.

Agora que fizemos uma ponte entre uma ciência e o mercado, vamos conectar o mercado ao meio. A indústria 4.0 satisfaz os interesses do neoliberalismo, esse possui valores econômicos de um Estado



mínimo, onde teoricamente há mais eficiência nos processos e otimização de recursos, e o que acontece com a Ciência? e com as universidades públicas? Em geral sabemos que a Ciência não é essencialmente lucrativa, ou seja, há ciências que são aplicadas e portanto possuirão resultados palpáveis no presente ou em um futuro próximo, e ciências ditas puras, que terão outras visões epistêmicas que nem sempre culminarão em resultados palpáveis cedo, porém são relevantes, sem o desenvolvimento de ciências de base não há aplicação.

Temos na história uma série de descobertas que só vieram a ter uma alta aplicabilidade ou alguma em uma história ainda recente, porém, sem o desenvolvimento destes conhecimentos não estaríamos vivenciando suas aplicações, como é o caso dos cálculos sobre a gravidade de Newton ou o evolucionismo de Darwin, os diversos aspectos éticos, como por exemplo o que sintetizamos como a Escolha de Sofia, que possui alta aplicabilidade hoje na programação da decisão que deve ser tomada por carros autônomos em caso de acidentes, e muitos outros casos. A questão geral é que não é possível dar um preço à Ciência, mas dado os rumos que nossa sociedade caminha, acredito que estamos procurando fazer isso.

Então chegamos no ponto crucial, os financiamentos, o que são? de forma geral nesse contexto, os financiamentos são formas das universidades se manterem das mais diversas formas, o papel de uma universidade apesar do senso comum, é bem mais que o ensino, mas também a pesquisa é a extensão, e para manterem o seu espaço físico e intelectual as universidades precisam como todo outro ente em nossa lógica econômica vigente, de dinheiro. Se refletirmos sobre os tópicos tratados até aqui, iremos perceber que o ponto geral da questão são os interesses neoliberais versus os interesses sociais, precisamos gastar com: ensino, pesquisa e extensão? usando a atual pandemia como plano de fundo, veja o que diz essa matéria da BBC sobre o desenvolvimento da vacina: “O desenvolvimento em tempo recorde foi possível graças a muitos anos de pesquisa e de cientistas, cujo conhecimento acumulado possibilitou uma resposta rápida ao novo desafio.” o título dessa matéria diz: “10 anos em 10 meses”, há dez anos não esperávamos estar vivenciando uma pandemia como a que estamos vivenciando nesse momento, mas sem o conhecimento produzido ao longo de décadas certamente estaríamos bem mais vulneráveis do que estamos.

2. Desenvolvimento

Segundo os autores: Cicero Inacio da Silva, Jane de Almeida e Silvana Seabra Hooper, no artigo intitulado: As Humanidades Digitais e as Novas Formas de Disseminação do Conhecimento.

“O campo das chamadas “humanidades digitais” tem operado na contemporaneidade como uma forma de reposicionamento intelectual, político e ideológico frente à inserção das tecnologias computacionais em muitas esferas da sociedade. No princípio, alguns críticos provenientes do universo das humanidades reagiram à invasão capitalista no mercado universitário não cedendo imediatamente à demanda urgente de se “render” aos aspectos “positivos” da “revolução” digital no ensino nas humanidades. Porém, os setores de humanidades, como departamentos de artes, de estudos culturais, línguas e literatura, são reconhecidamente pouco lucrativos e os departamentos e centros

começaram a serem moldadas pela aceitação (ou não) da seguinte prerrogativa: é digital? Se sim, mantém-se o departamento. Se não, que cessem as fontes de fomento e que se encerrem suas atividades (BERRY, 2012).”

Por esse trecho, podemos perceber que a lógica neoliberal já se encontra incrustada nos aspectos universitários, quando os autores citam o condicional: “é digital? Se sim, mantém-se o departamento. Se não, que cessem as fontes de fomento e que se encerrem suas atividades (BERRY, 2012)”, isso demonstra que o pensamento do neoliberalismo está no ambiente universitário em forma do Digital. E o que é esse Digital? A união entre o Digital e as Humanidades é como vimos a união entre a Computação e suas epistemologias, com os aspectos e epistemologias das Ciências Humanas e Sociais, nesse ponto, podemos separar nossa discussão em dois aspectos: as Humanidades Digitais e os departamentos que se unem ao Digital para que se mantenham funcionando; sabemos que esse debate não inclui diretamente as ciências tidas como duras, já que essas não costumam ter o financiamento de seus departamentos de pesquisa em risco “pois as agências de fomento federais (CAPES e CNPq) continuam privilegiando as ciências duras”, mas estamos falando das ciências humanas e sociais, que mesmo que não possuam em todos os casos aplicações no presente, não são menos importantes, sendo assim nosso debate é entre a lógica neoliberal dentro dos ambientes universitários de fomento à Ciência, tida como pragmática e eficiente, e a lógica científica, que visa a perpetuação do conhecimento, convergir ao digital sem atrelar o capital científico e intelectual do departamento não é produtivo, pode servir como um remédio anestésico por algum tempo, mas não resolve os problemas criados pela ideologia neoliberalista, e nem atende aos interesses de perpetuação do conhecimento.

No artigo Neoliberalismo e Educação, da autora Sonia Alem Marrach diz que: “No discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança”, isso significa que a lógica que à Educação, para nossa discussão representada pelas universidades, devem se render a uma lógica produtivista, que atenda os interesses do mercado e não os interesses da população (nesse caso, da sociedade como um todo).

É interessante para o mercado, sendo assim para as grandes corporações, que se estabeleçam Monopólios ou Oligopólios e que as barreiras para novos *players* no mesmo segmento sejam cada vez maiores, em uma lógica produtivista do conhecimento, as universidades passam a trabalhar/produzir para atender os interesses dessas corporações, deixando de lado o campo político e social, os debates, as reflexões mais profundas, abraçando o hoje e deixando o amanhã a sua própria sorte.

A visão neoliberal:

“Atribui à participação do Estado em políticas sociais a fonte de todos os males da situação econômica e social, tais como a inflação, a corrupção, o desperdício, a ineficiência dos serviços, os privilégios dos funcionários. Defende uma reforma administrativa, fala em reengenharia do Estado para criar um “Estado mínimo”, afirmando que sem essa reforma o país corre o risco de não ingressar na ‘nova ordem mundial’”.

Com base nisso, o que é realmente relevante para a população? é nítido que uma parcela grande da população brasileira desconheça o papel universitário na sociedade, se tomarmos a UFRJ como exemplo, que segundo matéria da Veja Rio foi considerada a melhor universidade federal do país em 2020,



temos que em suas obrigações de: ensino, pesquisa e extensão, a Universidade necessita gerir: Centros universitários, Unidade e órgãos suplementares, Bibliotecas, Museus e Complexo hospitalar, sobre esse último, “Estima-se que as unidades hospitalares realizem um total de 566 410 atendimentos, 8 293 cirurgias e 18 555 internações por ano.” (Wikipédia). Apenas com esse exemplo, conseguimos perceber que uma universidade é bem mais que um local de formação profissional (que corresponde ao ensino), além de atender a sociedade dessa forma, ofertando uma educação de qualidade e gratuita, algo que também é posto em risco pela ideologia neoliberalista, a universidade atende a população diretamente ao ofertar espaços culturais e de saúde, e isso não é tudo que a universidade tem como papel ou o que efetivamente faz, outro exemplo atual é:

“O ventilador pulmonar emergencial criado por um grupo de engenheiros da Escola Politécnica (Poli) da USP para suprir a necessidade de respiradores durante a pandemia de coronavírus foi aprovado em testes técnicos e agora será enviado para aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).” e caso a relevância social não tenha ficado clara, deixo um trecho de uma outra matéria: “Famílias denunciam que pacientes com Covid-19 morreram por falta de respiradores em hospital de Manaus”, ambas do G1, sendo assim, percebemos que a pesquisa também é um ponto relevante para sociedade.

Então se as universidades públicas em geral atendem o seu papel social, e a sociedade está sendo atendida no presente por essas universidades, por qual motivo os golpes à elas continuam? porque iremos pôr em risco o futuro da ciência no país? e como podemos reagir?

Para compreendermos esses pontos é necessário voltarmos a falar do: ensino, pesquisa e extensão, pense nisso como um tripé que mantém em pé o papel das universidades, onde intuitivamente teremos que se faz necessário coesão entre os pés para que o todo se mantenha, quando uma universidade pública ensina, pesquisa e gera extensão, ela o faz com uma finalidade, se observarmos a missão descrita por algumas universidades públicas, como:

“Fomentar, construir e disseminar o conhecimento, contribuindo de forma significativa para a construção de uma sociedade crítica, equânime e solidária.”(UFPR)

“Promover o desenvolvimento do cidadão e de suas competências profissionais com comprometimento e responsabilidade socioambiental, através da busca constante pela melhoria dos processos educacionais e de gestão.”(UFRRJ)

Podemos perceber que esse pensamento é distinto do pensamento neoliberal, que segundo Sonia Alem Marrach no já citado, Neoliberalismo e Educação, a lógica é possuir um ensino voltado apenas para profissionalização pautada nos interesses do mercado, veja que as universidades não deixam de formar profissionais, tanto que isso faz parte de sua missão, a questão é que mais que um profissional, as universidades visam formar um cidadão com capacidades diversas para exercer de melhor forma a sua cidadania através de uma educação libertadora, contrária à lógica de robotização dos indivíduos incentivada pelo neoliberalismo.

Quanto a pesquisa, na linha da mesma autora, é interessante para as grandes corporações que as pesquisas e o conhecimento seja desenvolvido por elas, como podemos ver neste trecho: “segundo Michael Apple, na sociedade contemporânea a ciência se transforma em capital técnico-científico”, ou

seja, para a visão neoliberal conhecimento é um produto, e na lógica de mercado o acesso à um produto só se dá por meio de troca monetária. Quando uma pesquisa é realizada por uma instituição pública, o conhecimento gerado e todos os seus benefícios pertencem à sociedade, quando isso não acontece, o conhecimento gerado é rotulado por uma patente e se transforma em uma mercadoria, a mesma lógica se aplica à extensão.

E como podemos combater essa lógica dentro das universidades? aqui voltamos ao ponto de introdução e falamos sobre as Humanidades Digitais, se convergir ao Digital é se render à ideologia neoliberal, precisamos aderir a essa lógica produtivista aos nossos moldes, aos moldes que se mantêm os interesses sociais amplos e se descartar todo o restante, a universidade deve sair de seus muros e tomar as ruas, as praças, as avenidas, assim como as redes e a cultura, no artigo também já citado: As humanidades digitais e as novas formas de disseminação do conhecimento, os autores falam sobre uma convergência ao Digital para sobrevivência, sem necessariamente uma transformação para o digital, a minha proposta é de guerra! devemos tomar todos os espaços, não pode ser mais tolerado que 87% dos jovens não sabiam citar o nome de ao menos um instituto de pesquisa, e que 93% não saibam o nome de um único cientista segundo a Folha de São Paulo, fica evidente que as universidades se fecharam pra si em muitos aspectos, mas isso precisa mudar, já!

Como poderíamos montar essa frente de batalha, precisamos começar pela base, ou seja, atacar primeiro aquilo que pode ser considerado como pontos fracos internos, sendo assim, poderíamos começar por:

- Todo professor/cientista universitário deve possuir conta nas redes sociais mais utilizadas no momento, e deve alimentar essas contas com informações periódicas sobre suas pesquisas e afazeres. O mesmo se aplica aos alunos de pós graduação e extensão.
- Todo aluno de graduação deve ter um mínimo de horas, que não possam ser substituídas por qualquer outra atividade, com pesquisa e divulgação científica, seja até mesmo com a promoção de assuntos relacionados a sua própria monografia os interesses dentro do campo em que se gradua, mas é extremamente relevante para comunidade acadêmica que desde a graduação os alunos possam não apenas compreender a relevância da pesquisa e da estrutura universitária, como produzir artefatos que o insiram de forma mais contundente nesse meio.
- As palestras, congressos e eventos afins das universidades precisam perder o viés que popularmente se conheceria como: “Pregar pra convertido”, é normal que nesses eventos os participantes já sejam cidadãos inseridos no ambiente universitário, então quando são discutidas pautas relevantes como a precarização do trabalho, que ficou conhecida como uberização do trabalho, os cerca de 1.000.000 de “parceiros” da Uber no Brasil só estarão lá, se já fazem parte do ambiente da universidade, e concordamos que com as diversas manifestações ao redor de todo o país com relação a precarização e exploração do trabalho, estar em presente em um evento que traz essa pauta pro debate, é de interesse social e do trabalhador explorado. Com isso, os debates não podem acontecer mais dentro dos muros das universidades, eles precisam ir pras ruas, para o mundo. Em 2019 eu participei dos protestos pela Educação e Previdência

no Fundão e na Candelária, o corpo universitário sabe tomar os ambientes quando isso é de seu interesse, sendo assim, vamos fazer nossas palestras e eventos, das praças, enquanto transmitimos por todos os meios de comunicação viáveis.

- Esse ponto se liga inteiramente ao anterior, quando em 2019 o presidente da FAPESP Marco Antonio Zago, diz: “que os jovens precisam compreender o papel da ciência em seu dia a dia” e marca como relevante a educação fundamental dizendo que precisamos atuar nela, acredito que deveríamos seguir o conselho, e fazer nossas semanas acadêmicas, ou pelo menos uma versão delas, nas escolas de ensino fundamental, em principal nas públicas municipais.
- Fomentar o intercâmbio de ideias entre a escola e a universidade.

3. Conclusão

Isso implica em abraçar o digital como ciência, e não o digital como ideologia liberal, as Humanidades Digitais trazem mais que pragmatismo, trazem uma abordagem nova de análise de aspectos sociais, e os departamentos podem se atrelar às ciências digitais no ponto que maximizarem suas produções, sem necessariamente deixarem de produzir ciência de base e demais artefatos que são de interesse da sociedade e das ciências, mas pegando o que lhe forem útil, como por exemplo: se o curso de Sociologia, ou o departamento de Sociologia como um todo passar a ensinar alunos lógica de programação, é possível que possa desenvolver estudo e teorias sobre os aspectos sociais tecnológicos com um ponto de vista que sem a compreensão de como se organiza um código, não seria possível.

A investida neoliberal avança, e precisamos tomar todas as frentes, e isso inclui o digital como ciência (de programação por exemplo) e como cultura, já que hoje a sociedade também vive no meio digital (mesmo que não toda a sociedade). Se tomarmos as frentes, temos a chance de fazer a sociedade compreender o papel da universidade é a relevância de que esse papel seja realizado pela universidade, por outro lado os departamentos universitários e as universidades públicas entre si, precisam compreender que podem disputar os mesmos financiamentos e fontes de fomento, mas sobre o embate com a ideologia neoliberal, ela possuem um inimigo em comum que deve ser combatido em conjunto, a luta aqui é envolve toda a classe, assim como toda a sociedade, e precisamos fazer isso juntos.

4. Referências

Silva, Cirero I.; Almeida, Jane; Hooper, Silvana S.; As humanidades digitais e as novas formas de disseminação do conhecimento. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, ISSN 1981-4070.

Marrach, Sonia A. Neoliberalismo e Educação, Do Livro: “Infância, Educação e Neoliberalismo” . Celestino A. da Silva Jr. - M. Sylvia Bueno - Paulo Ghiraldelli Jr. - Sonia A. Marrach - pág. 42-56 - Cortez Editora - São Paulo - 1996

Correia, José Alberto. A Construção Científica do Político em Educação. Revista: Educação, Sociedade & Cultura, nº15, 2001, 19-43.

Manifesto For The Digital Humanities , THATCamp, <<https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>>.

Ferraz, Deise Luiza da S.; Martoni, Valéria B. M.; Chamberlai, Daniela; Modelo Hélice Tríplice: um mecanismo econômico e ideológico para concretizar os interesses do capital. <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8951.2012v13n103p115>>

Martins, Roberto de Andrade. A Maçã de Newton: História, Lendas e Tolices <<https://www.ghtc.usp.br> > RAM-livro-Cibelle-Newton> Estudos de História e Filosofia das Ciências.

Época, O carro terá que escolher quem salvar e quem ferir, <<https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2015/12/o-carro-tera-de-escolher-quem-salvar-e-quem-machucar.html>> matéria de 04 de Dezembro de 2015.

Wikipedia, Digital Humanities <https://en.wikipedia.org/wiki/Digital_humanities> acessado em 01 Julho de 2021.

Wikipedia, Automação <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Automação>> acessado em 01 Julho de 2021.

Wikipedia, Indústria 4.0 <https://pt.wikipedia.org/wiki/Indústria_4.0> acessado em 01 Julho de 2021.

Wikipédia, Universidade Federal do Rio de Janeiro <https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_do_Rio_de_Janeiro> acessado em 07 de Julho de 2021.

Folha de S.Paulo, 93% dos jovens do país não sabem o nome de um cientista brasileiro, <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/06/93-dos-jovens-do-pais-nao-sabem-o-nome-de-um-cientista-brasileiro.shtml>> matéria de 26 de Junho de 2019.

Uber Newsroom, Fatos e Dados sobre a Uber <<https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/>> acessado em 07 de Julho de 2021.

Veja Rio, UFRJ é eleita novamente a melhor federal do país em ranking internacional. <<https://vejario.abril.com.br/cidade/ufrrj-melhor-federal-ranking-internacional/>> matéria de 11 de Junho de 2021.

G1, Respirador criado na USP é aprovado em testes com humanos; aparelho é feito em 2 horas e 15 vezes mais barato

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/27/respirador-criado-na-usp-e-aprovado-em-testes-com-humanos-aparelho-e-feito-em-2-horas-e-15-vezes-mais-barato.ghtml>> matéria de 27 de Abril de 2020.

G1, Famílias denunciam que pacientes com Covid-19 morreram por falta de respiradores em hospital de Manaus. <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/05/07/familias-denunciam-que-pacientes-com-covid-19-morreram-por-falta-de-respiradores-em-hospital-de-manaus.ghtml>> matéria de 07 de Maio de 2020.

Universidade Federal do Paraná. Missão, Visão, Valores e Princípios <<https://www.ufpr.br/porta/ufpr/a-universidade-institucional/missao-e-valores/>> acessado em 07 de Julho de 2021.

Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Missão, Visão e valores <<http://institutos.ufrrj.br/icbs/missao-visao-e-valores/>> acessado em 07 de Julho de 2021.

Jovem Pan News(Youtube). Pesquisa mostra que 93% dos jovens não sabem o nome de um cientista brasileiro <<https://www.youtube.com/watch?v=webzGvq16ws>> publicado em 28 de Junho de 2019, a citação sobre a fala de Marco Antonio Zago se encontra entre 0,31 min e 0,59 min.

